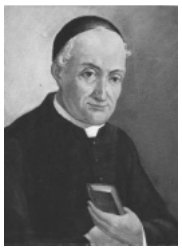


CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JANEIRO 2008 – N° 209

II PANEGÍRICO DOS ESPONSAIS DE MARIA VIRGEM COM SÃO JOSÉ
(abreviado)

Pe. João Maria Marani (1848)

Dois são os motivos admiráveis nos Esponsais da Virgem Maria com São José. O primeiro é a excelentíssima perfeição da caridade de Maria Santíssima por seu consentimento; o outro é a altíssima e sapientíssima Providência de Deus, que propôs e levou a bom termo este matrimônio para a salvação do mundo. Se não for suficiente minha palavra, supram-na a luz e a força do tema.

I – A EMINENTE PERFEIÇÃO DA CARIDADE DE MARIA

Para considerar quão grande virtude resplende em Maria na aceitação das núpcias, convém considerar logo de início que ela renunciou a todo afeto e pensamento de matrimônio terreno; não que julgasse o matrimônio como um mal; na verdade, ela o reverenciava e honrava, pois amava o seu divino Autor e conhecia sua sabedoria. Como perfeitamente sábia, conhecia seus dons e ordenava-os no próprio coração, preferindo em seus desejos sempre os bens melhores.

Portanto, tendo ela se preocupado com o amor à virgindade, - que é muito mais excelente que o matrimônio - havia aberto para ele todas as portas do seu coração.

Queria que esta afeição à virgindade fosse fervorosa e constante. Pôde conciliar este propósito totalmente singular, mesmo contra o costume comum de seu tempo, quando as mulheres virtuosas e piedosas acreditavam ter mais bênçãos de Deus na fecundidade da carne e na multidão dos filhos.

Nós encontramos o amor de Maria à virgindade nas palavras que respondeu ao anjo, que lhe anunciava a Encarnação do Filho de Deus no seu seio. Não se tratava só de, por amor da virgindade, renunciar às núpcias terrenas. Ela chegou ao ponto de renunciar à própria maternidade de Deus, se esta dignidade, embora infinita, não pudesse unir-se com a virtude que tanto desejava praticar: "Como pode acontecer isto, se eu não conheço homem?" (Lc l, 34).

Porque Maria aceitou estas núpcias terrestres? Só porque lhe foi declarado ser a vontade de Deus.

O fim da virgindade é descrito por São Paulo como a entrega total a Deus e seu amor, pensando nas coisas do Senhor e tendo o olhar da mente fixo e sem distração no seu amável e divino Esposo (cf. lCor 7,34s.). O fim, pois, da virgindade é a contemplação e a união perfeita com Deus, sem distrair-se com as criaturas.

A virgindade é, pois, um bem, mas não em si, e muito menos enquanto nos priva do bem do matrimônio; mas porque ela é útil para aquisição do bem maior, que é o seu fim. Se a Virgem

amava a virgindade, amava este fim. A Virgem, pois, amava ardentemente a contemplação e a possuía.

Deus ordena que ela despose um homem terreno. Ela não busca razões nem pergunta sobre o fim; submissa com fervoroso amor, basta-lhe saber que isto agrada o seu Esposo, que isto se reverte em sua honra, porque aos afetos mais puros e mais santos prefere o bem do seu Esposo e os interesses da sua glória...

E a ordem foi esta: que devia se casar com um homem; e – salva a sua integridade virginal – servi-lo, acompanhá-lo, estar sempre com ele, e, até à morte, obediente e submissa como qualquer outra mulher. Estava destinada a ser a esposa de um artesão que ganhava a vida com o trabalho de suas mãos e não tinha outra coisa no mundo.

E devia, por sua ordem, mudar não só de lugar no próprio país e viajar de uma região para outra em árduas estações, atravessar montanhas e sofrer inúmeros incômodos. Devia sair do seu país levantando à noite para fugir, atravessar desertos em terra estrangeira e inimiga. Devia, novamente, a um sinal, refazer todo o longo, difícil e perigoso caminho para entrar no seio da sua pátria em uma pobre oficina. Desta forma dava ela a prova cabal e luminosa do mais puro e desinteressado amor ao seu Esposo celeste, Fazer isto era sacrificar todos os interesses próprios e o próprio prazer para satisfazer seu Esposo.

Quando o Senhor ordenou à Bem-aventurada Virgem casar-se com um homem, não lhe revelou seus fins: isto é da glória que daí queria tirar para si e para a salvação de todo mundo.

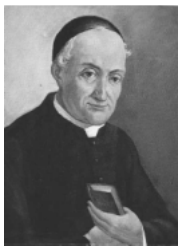
São José era não somente homem perfeitamente justo e santo, mas possuía singularíssimas virtudes, privilégios e dons de Deus, convenientes a tal Esposa. Virgem, Maria. Virgem, José. Dócil ao desejo de Deus, e – para agradá-Lo – preparado para assumir mulher, como a Virgem a ter marido. E como a Virgem assumia todas as penas e fadigas da sujeição a um homem sem as consolações, assim também José se dispôs a assumir todas as penas, fadigas e tribulações dolorosas para guardar e sustentar sua Esposa, apoiando-a e ajudando-a, sem nenhuma das consolações e confortos que lhe dava o direito conjugal, o qual estava decidido a não usar.

Especialíssimo, portanto, é o carinho que Deus tem por estas núpcias. Tal cuidado é o testemunho mais luminoso com que Deus nos mostra a que ponto a Ele tivesse agradado este sacrifício de puríssimo e perfeito amor que a Virgem pôde oferecer-lhe nesta ocasião.

Este Esponsal é sumamente admirável pela excelentíssima caridade de Maria, que nele brilha. Também o será quando a Providência divina explicar os fins pelos quais ela precisava assumir este matrimônio: instrumento da sua glória e salvação do mundo.

Esta é a maior obra que Deus planejou com sua sabedoria.

(*continua*)



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

FEVEREIRO 2008 – N° 210

II PANEGÍRICO DOS ESPONSAIS DE MARIA VIRGEM COM SÃO JOSÉ
(abreviado)

Pe. João Maria Marani (1848)

II. ALTÍSSIMA E SAPIENTÍSSIMA PROVIDÊNCIA DE DEUS

Deus havia estabelecido salvar o mundo com caridade sem fim: "amei-te com caridade perpétua" (Jr 21,3). E queria salvá-lo por meio do seu Filho: "de tal modo Deus amou o mundo que lhe deu seu Filho único" (Jo 3, 16).

Mas não queria salvá-lo por simples remissão de débito. Queria salvá-lo para que o homem fosse redimido gratuitamente: "justificados gratuitamente por sua graça" (Rm 3,24) e fosse tirado da escravidão por preço à vista: "fostes comprados por um grande preço" (lCor 6, 20).

Por isso Deus quis que seu Filho se fizesse homem: "o Verbo se fez carne" (Jo 1,4); e nascesse – segundo a carne – filho de Adão pecador, tomando, não o pecado, mas a carne de uma mulher filha do Adão pecador: "nasceu de uma mulher" (Gl 4, 4).

Convinha, pois, à grandeza deste parto, que a Mãe fosse virgem; porque como no céu tinha Pai sem mãe com uma geração incompreensível – "quem narrou sua geração?" (Is 52, 8) – assim na terra tivesse Mãe sem pai, e a sua concepção e o seu nascimento fossem totalmente singulares e prodigiosos: "o Senhor Deus vos dará um sinal: eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um filho" (Isaias l4).

Se Maria não fosse casada, o mundo não teria acreditado no milagre; e por isso se tornaria infâmia à Mãe – que Deus tanto amava, e não queria torná-la objeto de vergonha -, e também ao Filho. E isto teria sido impedimento para acolher sua doutrina e crer nele.

Portanto o Esponsal da Virgem Maria com são José é o instrumento da Providência para esconder temporariamente o parto divino.

Segundo são João Crisóstomo, Deus quis tornar o mundo instruído nos profundos mistérios da Encarnação e Morte de Cristo, seu Filho para a salvação dos homens, pouco a pouco, etapa por etapa. De outra forma esta doutrina se tornaria totalmente incrível se a mente humana não estivesse preparada e disposta com o maravilhoso ordenamento celeste.

O núcleo da doutrina é que Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Deus, havia unido a sua divina natureza à natureza humana em unidade de Pessoa, fazendo-se homem no seio da Virgem. Como homem teria nascido e vivido, suportando todas as fadigas e as penas a que estão sujeitos os homens, menos o pecado, e compensando os pecados dos homens e a soberba dos primeiros pais. Ele teria se humilhado até a morte, entre dores e ignomínias sobre a Cruz. Por último, em virtude da sua Divindade teria levado ao céu a sua própria Humanidade, sentando-se aí Deus e Homem na glória igual ao Pai.

A ordem nesta doutrina está em que ela é mais conveniente à natureza humana e à mente humana; isto é, do mais fácil ir ao mais difícil; daquilo que é sensível chegar ao que é puramente espiritual, aliás, superior a todo o pensamento humano.

Ora, quem não vê que o mais fácil era conhecer Cristo como homem?

Por isto Ele aparece entre os homens nascido menino; chora no presépio, é alimentado no seio da Mãe que verdadeiramente era sua Mãe, e de José, que por todos era tido como pai – "era tido por filho de José" (30) (Lc 3, 23) -. Impotente, pela idade e pequenez, de defender-se, tirado da perseguição é levado em segredo pelos pais ao Egito. E – após a morte de Herodes – reconduzido por eles ao próprio país, sendo sua vida, sustentada, na infância pelos trabalhos do pai. Ele trabalhou, obediente a seus pais, em uma oficina, de modo que todos o conheciam como o filho do carpinteiro:"não é este o filho do carpinteiro?" (Mt 13, 55).

Em seguida foi ouvido falar em público viajando pelas terras da Palestina, conversando como homem com os homens, depois perseguido pelos pecadores, ser preso, receber bofetadas, ser pregado na cruz, e aí morrer diante de um numeroso povo. Finalmente da cruz, como verdadeiramente morto, foi deposto em um sepulcro. Assim não podia haver mais dúvida de que Ele não fosse verdadeiramente homem.

Mas, quando por sua divina força ressuscitou, os seus discípulos, que haviam visto todas as provas da sua Divindade – isto é seus milagres e gloriosa Ressurreição -, receberam ordem de manifestar ao mundo que Ele era Deus. Porque se esta doutrina fosse manifestada antes, as penas e as humilhações da sua humanidade teriam sido impedimentos para se desse crédito a Ele.

De fato a morte de Cristo – diz são Paulo- pelos pagãos era reputada como loucura, parecendo-lhes totalmente indigno que Deus se abaixasse a tornar-se homem e morrer desonrado; e pelos judeus a morte foi um escândalo, porque o haviam provocado a livrar-se, e Ele ao invés deixou-se matar por eles; "escândalo para os judeus, loucura para os gentios" (lCor l, 23).

Mas depois conhecendo com evidência que Ele era um homem, e como tal havia verdadeiramente morrido, então foi tempo de exibir os testemunhos da sua Divindade: "sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria até os confins do mundo" (At l, 8). Tempo de mostrar não somente as maravilhas feitas por Ele durante a vida e depois da morte tornando a viver por própria virtude natural, mas também pelos milagres operados em seu nome e por sua virtude por aqueles mesmos que testemunhavam no mundo a sua morte e Ressurreição.

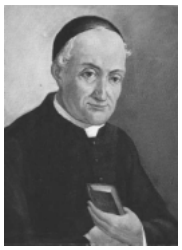
A glória da Ressurreição tirava totalmente o escândalo que as penas e as humilhações de Cristo faziam aos enfermos e aos fracos. Então foi oportuno que fosse promulgada e esclarecida a sua Divindade: foi o tempo, então, que não só sua Ressurreição, mas também fosse anunciada sua prodigiosa concepção não por obra de homem mas do Espírito, e o seu nascimento miraculoso de uma Virgem, que era o sinal que Deus mesmo havia prometido, através do qual fosse reconhecido o Salvador do mundo: "eis que uma Virgem conceberá, etc.".

E então chegou o tempo em que o matrimônio de Maria com São José – que serviu como maravilhoso instrumento da divina Providência para ocultar este prodígio e para dar lugar ao reconhecimento da realidade da sua carne e da sua morte – servisse agora para testemunhar com prova solene o prodígio até aquele momento oculto, e confirmasse com ele a Divindade do Filho, que nasceu neste matrimônio, embora não deste matrimônio.

Que outra melhor prova podemos ter da virgindade da esposa do que o testemunho do próprio marido, homem justo, ao qual não só era permitido dar queixa de uma injúria feita a si, mas não podia – segundo a lei de Deus – também dissimulá-la. Antes Deus permitiu que o

próprio José visse a esposa grávida e ignorasse o mistério. O temor do Esposo, justo que era, o qual não podendo suspeitar de nenhum modo da fidelidade da esposa, havia resolvido deixá-la ocultamente – é testemunho certo e seguro de sua própria virgindade. Deus mesmo de encarregou de mandar seu Anjo para confortar o marido, pedindo-lhe que conservasse a mulher, porque aquela maravilhosa concepção era obra do Espírito Santo; e o Filho que devia nascer dela era o próprio Filho de Deus altíssimo, vindo para assumir a carne humana de uma Virgem para redenção de todo o mundo (Mt l, l8-22).

FIM



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

MARÇO 2008 – N° 211

O NOME E O CULTO DOS SAGRADOS ESTIGMAS OU CINCO CHAGAS NA HISTÓRIA DA CONGREGAÇÃO DOS ESTIGMATINOS

Pe. Nello Dalle Vedove

No dia 15 de dezembro de 1853 o sucessor de Pe. Bertoni, Pe. João Maria Marani, preparara a súplica ao Santo Padre Pio IX, com todos os documentos necessários, para pedir a aprovação do Instituto e das Regras.

Entre outras coisas dizia:

"Se aprouver ao Espírito Santo, e ao senhor, Beatíssimo Padre, aprová-las e com isto elevar ao grau de Ordem Religiosa a humilde Congregação particular de Padres fundada pelo Sacerdote Gaspar Bertoni, concedendo à mesma o título oficial de Congregação dos Sagrados Estigmas, ficariam, com isso, plenamente satisfeitos os desejos do humilde que abaixo assina e de seus poucos companheiros"... Parece-me indigno pedir a Sua Santidade honrar o supra-acenado Instituto Religioso com o título dos Sagrados Estigmas, tendo sido até agora reconhecidos com tal palavra em Verona; e, muitas vezes, foi nomeado como Congregação, por causa da pequena igreja, dedicada aos Estigmas de São Francisco, o Seráfico, que está anexa à moradia dos padres. Se, porém, agradar a Sua Santidade conceder que o nascente Instituto seja assim intitulado, suplico-Lhe humildemente se digne declarar entender-se com tal vocábulo os Estigmas ou Chagas de nosso Divino Redentor, e pelos merecimentos dos quais, foi também o fiel seguidor e imitador do mesmo Mestre divino, o grande Patriarca São Francisco, visivelmente favorecido com os sinais divinos de salvação na sua própria carne".

No Decreto de louvor que Pio IX concedeu ao Instituto aos 16 de março de 1855, fomos chamados "Padres dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo". O Bispo D. Benedito de Riccabona, que se encontrava em Roma, ao dar a notícia a Pe. Marani dizia: "acrescento a observação de que esta graça foi concedida no dia em que se veneram as Cinco Chagas (sexta-feira depois do III Domingo da Quaresma); não creio que esta circunstância seja um caso fortuito, e sim mais uma particular disposição da divina Providência, que tudo dispõe suavemente". Junto com o nome de Padres dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo estava colocado também o de Missionários Apostólicos, desde a ereção canônica da Congregação, aos 30 de setembro de 1855. Nesta ocasião Pe. Marani publicou os "Traços sobre a Congregação dos Missionários Apostólicos". Daquele dia até 15 de setembro de 1890 os filhos do Bertoni foram indiferentemente chamados Estigmatinos e Missionários, muitas vezes com o apelativo de Apostólicos.

Segundo Pe. Gaetano Giacobbe o título de Missionários Apostólicos foi considerado aprovado, mas isso provoca confusão entre o título e o fim do Instituto. "Parece - escreve um articulista do "Il Bertoniano" - que também os nossos padres pressentiram que a Santa Sé não nos deixaria o título de Missionários Apostólicos, porque se encontram vários documentos em que eles usavam simplesmente o nome de Missionários, de Padres das Missões. Pe. Lenotti em suas duas súplicas ao bispo de Verona se denomina padre da Congregação dos Estigmas, vulgarmente chamados dos Estigmas". Resta o fato de que a devoção à Paixão e às Cinco Chagas continuou a ser praticada.

Em 1856 Pe. Luiz Bragato, filho predileto de Pe. Gaspar, formado na sua escola, vindo a Verona, aos 02 de outubro fez uma palestra aos noviços de Sezano. Fê-los refletir sobre a graça e a grande honra que o Senhor lhes havia dado tornando-os palacianos em sua Casa, e que por isso eles deviam carregar as insígnias do Crucifixo, onde além da paciência, humildade, etc., distinguem-se de modo especial a obediência; sobre esta se deteve mais tempo, dizendo que "por esta virtude se contradiz a nossa vontade, vence-se a si mesmo, sacrificando-se e imitando Jesus Cristo no perfeito sacrifício de si sobre a Cruz, feito obediente até a morte".

Provavelmente com estas breves palavras Pe. Bragato apresentava a essência das centenas de cartas que seu mestre lhe enviara, cuja perda hoje se lamenta profundamente.

2 – As Constituições do Fundador foram consideradas documento intocável pelos nossos, e por isso limitou-se a integrá-lo somente com apêndices. Em 1888 foi impressa em Verona a primeira edição das Constituições com cinco apêndices e foram apresentadas a Roma para a aprovação do Instituto e das mesmas Constituições.

O agostiniano Pe. João Maria Camilleri, Consultor da Congregação dos Bispos e Regulares, foi encarregado de examinar as nossas Regras e de dar o seu voto; escreveu suas observações, nas quais afirmava, entre outras coisas, que faltava o título do Instituto e que os cinco apêndices deveriam ser fundidos com as Constituições.

Os apêndices passaram a fazer parte das Constituições, juntamente com outras sugestões da Santa Sé, e se deu o título ao Instituto de MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS EM AUXÍLIO AOS BISPOS. Mas Monsenhor Alberto Battandier, com seu voto de 12 de junho de 1890, descartou o título de MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS e sugeriu retomar o de PADRES DOS SAGRADOS ESTIGMAS, que a Congregação depois completou com o adendo DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, reportando-se ao Decreto de Louvor. Aos 15 de setembro de 1890 foi emanado o Decreto de Aprovação do Instituto, e re-enviada para outra data a aprovação das Regras.

Alguns dos nossos, desgostosos com a mudança do título, propuseram ao XII Capítulo Geral, iniciado aos 24 de setembro de 1890, o de Missionários dos Estigmas, mas não foi aceito. Cuidou-se da terceira edição das Constituições. Uma quarta edição foi impressa em 1907; nesta, pela primeira vez aparece numeração progressiva.

3 - A quinta edição seguiu o esquema das Constituições que a Comissão eleita pelo XVIII Capítulo geral propôs como sugestão no Capítulo seguinte e traz a data de 1914.

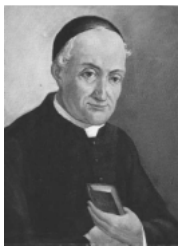
Examinado o conjunto do XIX Capítulo Geral, em agosto de 1914, a sexta edição das Constituições foi impressa em 1915 e apresentada em julho do mesmo ano à Sagrada Congregação dos Religiosos.

Houve algumas dúvidas, respondidas aos 15 de setembro de 1916.

Na Reunião geral da Sagrada Congregação dos Religiosos de 24 de novembro de 1916 as nossas Regras foram aprovadas por sete anos, e o Santo Padre Bento XV confirmou a decisão de 26 de novembro, que é a data do decreto.

A sétima edição é de 1917.

(*continua*)



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

ABRIL 2008 – N° 212

O NOME E O CULTO DOS SAGRADOS ESTIGMAS OU CINCO CHAGAS NA HISTÓRIA DA CONGREGAÇÃO DOS ESTIGMATINOS

Pe. Nello Dalle Vedove

4 – Em agosto de 1922 reuniu-se o XXI Capitulo geral, no qual Pe. João Batista Tomasi cedeu o cargo a Pe. João Batista Zaupa. Procedeu-se à revisão das Constituições para adaptá-las ao Código de Direito Canônico. As modificações introduzidas foram apresentadas à Sagrada Congregação dos Religiosos para a aprovação definitiva.

Seguiu junto ao pedido "uma petição paralela de um culto especial para os Estigmas gloriosos de Nosso Senhor Jesus Cristo como titular do Instituto". Foi muito grande a surpresa - narra Pe. Stofella -, do nosso benemérito Superior geral – o saudoso Pe. João Batista Zaupa – quando no primeiro encontro com o Consultor ouviu dizer de imediato, embora com grande gentileza: *Vós estigmatinos, não conheceis a própria história*. De fato, aos olhos do Consultor o documento (súplica do Pe. Marani de 15 de dezembro de 1853) era claríssima. Pe. Marani, ao pedir para o Instituto de *seu venerando Pai e Mestre* a ereção em Ordem religiosa, acenava ao título dos Estigmas ligado à primeira igreja em Verona *dedicada aos Estigmas de São Francisco*. Ao mesmo tempo suplicava a Sua Santidade que se dignasse declarar que tal vocábulo se referisse aos Estigmas ou Chagas de Nosso Redentor divino, que foram o preço e a causa da nossa copiosa Redenção: e pelo mérito delas foi também o fiel seguidor e imitador do mesmo Mestre divino, o grande Patriarca São Francisco, favorecido visivelmente por estes divinos Sinais de Salvação!

Foi justamente por este motivo que o Consultor se apressou em inserir no texto da Regra 20, em seguida à expressão *Sagrados Estigmas*, o esclarecimento que aí faltava: *Sagrados Estigmas ou Cinco Chagas*: deixando o que estava em seguida: *das quais por divina disposição tira o nome a Congregação.*

O conhecimento deste fato chegou a quem escreve - confessa Pe. Stofella - da confidência a ele feita pelo próprio Pe. Zaupa, confidência também repetida mais recentemente não muito antes do seu pranteado falecimento.

"Dada a importância da notícia, e as mudanças dos tempos, quem escreve não acha que pecou por indiscrição ao divulgá-la e transcrevê-la aqui. Na verdade está interiormente persuadido de que o Revmo. Pe. Zaupa - no lugar onde agora se encontra - não o reprova; pelo contrário, dá-lhe do fundo do coração licença e absolvição".

As sucessivas edições continuaram a trazer a constituição 20 na forma da edição de 1917. "N°. 20: Além de um singular amor à Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e de modo especial aos seus Sagrados Estigmas, ou Cinco Chagas, das quais por disposição divina tira o nome a Congregação...".

Desde 1956 é esta a redação da Constituição 20: "Todos nutram um singular amor à Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, e de modo especial aos seus Sagrados Estigmas, ou Cinco Chagas das quais por divina disposição tira o nome a Congregação, com máxima piedade...".

5 – De 26 de maio a 25 de junho de 1946 reuniu-se em Santa Ágata em Roma o XXV Capítulo geral, durante o qual, dentre as várias deliberações, foi aprovada a seguinte: "13. O Capítulo reconhece a festa das Cinco Sagradas Chagas como festa titular da Congregação conforme a Constituição 20 e recomenda que em nossas igrejas se promova a devoção à Paixão do Senhor...".

O Superior geral Pe. Dionísio Martinis enviou a todas as casas uma carta circular, datada de 23 de janeiro de 1947, na qual escreveu: "Diletíssimos irmãos e filhos em Cristo, com voto unânime, o XXV Capítulo geral decidiu reconhecer como festa titular da nossa Congregação a festa das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, aceitando assim implícita e definitivamente a sinonímia em nossas Constituições entre Estigmas e Cinco Chagas de Nosso Senhor. Espero que todos dêem o devido valor a esta decisão capitular. Ela, além de consolidar em nossa Congregação uma festa importantíssima do Instituto, como é a do próprio Título, além de fechar parênteses nas discussões e divergências de pareceres a respeito, projeta nova luz em nossa vida de sacerdotes e religiosos e influi de modo característico sobre o modo de nossa devoção como estigmatinos".

6 – Não é sem significado que na Missa e no Ofício próprios de São Gaspar se reza: "Ó Pai que inspirastes o vosso Servo sacerdote São Gaspar Bertoni a dedicar-se todo inteiro ao serviço da Igreja, como testemunha e apóstolo dos sofrimentos de Cristo: concedei-nos seguir o seu exemplo, para sermos fiéis operários da vossa Vinha e mensageiros da vossa Palavra".

* * * * * *

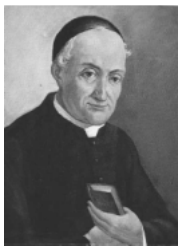
OS ESTIGMAS OU CHAGAS DE JESUS

"As Chagas de Jesus são aquelas, que todos invocam devotamente, porque nelas se encontram as fontes perenes de onde jorram toda graça...".

"As Chagas de Jesus são aquelas às quais todos recorrem porque são paz para os sofredores, defesa para os humildes... glória para os mártires... fundamento para a Igreja de Deus... Elas são remédio para os enfermos... pão para os famintos... e fonte para os sedentos... Compreendei, então, diletíssimos, a razão porque São Paulo... se gloriava tão conscientemente por trazer no seu corpo os Sagrados Estigmas de Cristo, embora de modo não físico. De qualquer maneira, indicavam o significado de seus sofrimentos; e por outro lado, o júbilo e a exultação de ter conquistado um troféu: «Eu, de fato, trago no meu corpo os Estigmas de Jesus Cristo»" (Gl 6,17).

(Pe. Carlos Fedelini, css, l7 de setembro de 1841).

fim



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

MAIO 2008 – N° 213

SÃO GASPAR BERTONI E NOSSA SENHORA [46]

Pe. Nello Dalle Vedove

APRESENTAÇÃO

São muitos os que escreveram sobre a Vida e as Obras de São Gaspar Bertoni e quase todos salientaram sua espiritualidade Mariana. Merecem citação particular Pe. Inácio Bonetti (em "Notas de espiritualidade Bertoniana") e Pe. Nello Dalle Vedove (em quase todos os seus escritos sobre Pe. Gaspar). Mas farei menção "especial" do primeiro biógrafo de Pe. Gaspar, Pe. Gaetano Giacobbe, que escreveu: "muitas páginas não serão suficientes para descrever a devoção de Pe. Bertoni a Nossa Senhora".

O que era "um piedoso desejo", tornou-se realidade, ao menos em parte, com um texto de Pe. Nello Dalle Vedove.

Estou certo de que a publicação, porquanto tardia, deste livrinho agradará o próprio autor, e, espero que também a muitos devotos de Nossa Senhora.

Ouvimos ainda hoje o dito de são Gaspar: "Cristo os espera, Maria os chama".

Sim! Maria nos chama para nos reconduzir a Cristo. É o seu inigualável papel no plano da salvação (Cf. Redemptoris Mater).

Pe. Alberto Tambalo, css
Reitor benemérito do Santuário de
Nossa Senhora de Lourdes (Itália).

INTRODUÇÃO

Ao dedicar uma capela a São Gaspar Bertoni no Santuário veronês da Imaculada de Lourdes, os Estigmatinos, por ele fundados, pensaram em honrar um dos maiores devotos de Maria que a história dos santos recorda.

Pe. Caetano Giacobbe, que escreveu a vida de Pe. Gaspar logo após sua morte, expressou-se textualmente:

"Milhares de páginas não seriam suficientes para mostrar a mínima parte para dizer quanto Pe. Gaspar fosse um afeiçoado devoto de Maria, quanto tenha feito por Ela, e quanto se esforçou para infundir em todos os corações, o amor e a devoção para com Ela".

[46] Os textos cuja publicação começa neste mês, fazem parte de um livro escrito por Pe. Nello Dalle Vedove.

Comprovação cabal do amor filial e extraordinário é a estupenda oração que o santo transcreveu em seu diário espiritual no dia 24 de maio de 1810:

"Bom dia, minha Mãe, dai-me a vossa bênção, abençoai a mim e a todos os meus queridos. Dignai-vos oferecer a Deus tudo o que hoje tenho que fazer e sofrer, em união com os vossos méritos e com os do vosso Filho santíssimo. Ofereço-vos e vos dedico todo o meu ser e tudo que me pertence para o vosso serviço. Ponho-me inteiramente debaixo do vosso manto. Impetrai-me pureza de mente e de corpo com a graça de não fazer neste dia coisa alguma que possa desagradar a Deus. Suplico tudo isso pela vossa Imaculada Conceição e intacta virgindade. Amém".

O CONGREGADO MARIANO

Nosso Santo conservou o candor de uma juventude ilibada à sombra do lírio puríssimo de Maria, à qual se entregou totalmente desde a aurora de sua vida.

Aos onze anos e meio agregou-se á CONGREGAÇÃO MARIANA DA ANUNCIAÇÃO, fundada pelos Jesuítas na escola de São Sebastião, por eles conservada florescente mesmo depois da supressão da Companhia de Jesus. O marianismo desta Congregação transparecia pelo seu título e pelo tipo de consagração exigida, como também pela íntima devoção professada pelos agregados e pela particular proteção com que a divina Mãe os recompensava.

Sobre Pe. Bertoni, congregado mariano adolescente, escreve o primeiro biógrafo:

"Singular e totalmente filial era sua devoção a Maria, que invocava freqüentemente e suplicava que fosse sempre mãe misericordiosa e poderosa advogada; a ela oferecia todo dia seu puríssimo coração".

O mesmo autor fala das solenidades de Maria celebradas pelo jovem com a preparação de devotas novenas, com a freqüência aos sacramentos, com a prática de alguma virtude particular; do mês de maio por ele entusiasticamente enriquecido com orações e práticas fervorosas; e do zelo em difundir entre os contemporâneos o amor a Nossa Senhora.

Conservou-se também um rascunho de tema escolar, em que ele se propunha estimular nos companheiros a devoção à Santa Virgem.

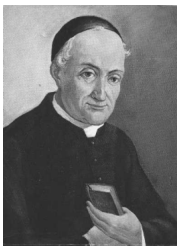
Escreveu:

"Quem reconhece a própria necessidade valoriza e procura a proteção de quem o pode ajudar. Um condenado à morte, porque vê todo o horror do suplício iminente, quanto mais se aproxima a hora fatal, busca a proteção de quem o pode livrar e com todo o cuidado a procura".

"Eis então o motivo que nos leva a procurar a proteção de Maria, nós condenados á morte eterna", conclui o pequeno apóstolo de Nossa Senhora. Mas expressando-se desta maneira, ele, como explicou em sua premissa, antes de tudo, visa a sacudir o próprio coração duro e insensível, e só indiretamente ao "bem afetuoso e amoroso" dos companheiros.

A Santa Virgem, no entanto, zelará com sumo cuidado sobre seu humilde filho e, como lhe ensinou com o seu "fiat" o valor de um completo abandono à vontade divina, assim lhe será mestra de oração e de união com Deus, conduzindo-o solidamente, no tempo às deliciosas experiências da habitação divina. Remonta de fato à primeira fase de sua vida, a persuasão tão profundamente vivida, e mais tarde tão calorosamente comunicada aos outros, que "Maria quer fazer do nosso coração o templo do seu divino Filho".

(*continua*)



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JUNHO 2008 – N° 214

SÃO GASPAR BERTONI E NOSSA SENHORA

Pe. Nello Dalle Vedove

SACERDOTE MARIANO

A escolha que Pe. Gaspar fez aos 18 anos de entrar no seminário foi amadurecida à luz da influência materna de Maria, que conduziu amorosamente os passos do eleito até o sacerdócio. Não foi por simples coincidência que Pe. Gaspar recebeu a ordem sagrada no dia de sábado (20 de setembro de 1800) e que celebrou a primeira Missa em uma Capela de Nossa Senhora (da Natividade de Maria, em Illasi) e em uma festa de Nossa Senhora (a das Mercês).

Seu padre espiritual, Pe. Nicolau Galvani, ao sugerir-lhe um programa ascético para nova vida como sacerdote, estabeleceu, entre outros, este compromisso:

"Depois de Deus, Maria Virgem deverá ter o primeiro lugar em seu coração. Não deverá jamais perdê-la de vista custe o que custar, mas procurará primordialmente cada dia inflamar-se mais de sua devoção".

Não é preciso dizer quanto Pe, Gaspar tomou ao pé da letra tal recomendação, não só para crescer cada vez mais no amor a Maria, mas também para inflamar o coração dos outros. Ele habituou-se a confiar a Nossa Senhora o resultado de seus empreendimentos de zelo, especialmente quando eram mais difíceis e humanamente desesperadores.

No primeiro ano de sacerdócio, dirigindo-se aos fiéis da paróquia de São Paulo, sua paróquia natal, defendeu com certeza de que se poderia derrubar, com o simples recurso a Maria, qualquer barreira colocada entre os pecadores empedernidos à graça de Deus. "Se recusaram até hoje as palavras de minha pregação - afirmou -, com certeza não resistirão às suas mãos amorosas". E nesta altura do sermão dirigiu fervorosa oração à Virgem, para que interviesse a favor dos mais relutantes, a fim de que pudessem derramar lágrimas de salutar arrependimento. Era desta forma que jogava sua ousada confiança em Nossa Senhora.

Pe. Gaspar foi um dos primeiros companheiros do Servo de Deus Pe. Pedro Lombardi na "Irmandade evangélica dos visitadores de hospitais". Quinze ou vinte dias antes de morrer revelou a Pe. João Batista Lenotti o segredo de sua dedicação aos enfermos, junto de cujos leitos permanecia atenciosamente dia e noite. Com isso procurava animar Pe. Lenotti à caridade para com os enfermos "com viva expressão do coração", como chegou a dizer:

"Aprendamos com Nossa Senhora. Ficou sempre gravado em meu coração o gesto de Maria em relação a Isabel. Logo que foi avisada pelo Anjo da gravidez de sua prima, partiu imediatamente, com a intenção de visitá-la e assisti-la nas em suas precisões. Partiu imediatamente e com pressa, como diz o Evangelista, embora o caminho fosse longo e

perigoso, demonstrando profunda caridade para com ela. Ao chegar, ficou com ela, não um, dois ou três dias, mas três meses contínuos ajudando-a nas suas necessidades".

* * * * *

A Serva de Deus Leopoldina Naudet escreveu-lhe um dia que não sentia em si senão "uma única devoção, aquela dirigida a Jesus", porque as outras, a Maria e a José, não eram senão "relativas" a Jesus, por suas particulares relações com a humanidade santíssima d'Ele. São Gaspar confirmava-lhe tudo isto, explicando-lhe que a devoção "a nosso Senhor e Salvador Cristo Jesus é a primeira e mais excelente". E acrescentou: "depois da devoção a Jesus, não há outras tão queridas nem mais úteis quanto as que se referem à Bem-aventurada Virgem Maria e a seu puríssimo Esposo São José". Por isso desde o início escolheu como patronos do seu Instituto esses dois exemplares Esposos e os celebrava no mistério de seu Esponsalício. A eles dedicou o altar mor da igreja dos Estigmas.

* * * * *

Como "Pai dos oratórios de Verona" Pe. Gaspar não soube mostrar melhor e mais seguro amparo aos seus jovens, do que o fundamentado no manto de Nossa Senhora. Ele queria a vida do Oratório concentrado em Maria, entrelaçado de práticas piedosas, de freqüência assídua aos sacramentos, de hábitos piedosos e de exercícios concretos das virtudes cristãs, debaixo dos esplêndidos exemplos da Mãe de Deus.

Quis também que a devoção a Nossa Senhora fosse o eixo em torno do qual se desenvolvesse a formação dos corações de seus alunos, quando, como pioneiro das escolas populares de Verona, instituiu as dos Oratórios e abriu a dos Estigmas.

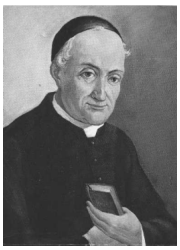
As palavras que cada dia dirigia aos jovens sobre Nossa Senhora eram espontâneas, fervorosas e inflamadas.

Suas obras com a juventude provocaram um florescimento primaveril, depois que as invasões napoleônicas tinham causado consideráveis danos materiais e tremendo prejuízo espiritual na cidade.

O mais célebre orador de Verona, o Pe. César Bresciani, no primeiro discurso comemorativo sobre Pe. Gaspar, assim se expressou:

"Recebida a querida missão de formar os jovens na religião e na piedade, acendeu uma chama vigorosa nas Congregações Marianas por ele fundadas, que invocaram Maria como esperança e protetora. A chama espalhou-se rapidamente, como um fenômeno prodigioso pela cidade e pelos campos: suscitou centenas de outros Oratórios, santificou milhares de moças e rapazes, consolou pais, confortou pastores de almas, fez brotar vocações sacerdotais e para os conventos. Como tinha sido supressa em Verona, por Napoleão, a Congregação dos Servos de Maria, a amorosa Virgem suscitou este seu novo São Felipe Benício, para manter rediviva a devoção para com ela, sua grande Mãe e Senhora.

(*continua*)



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JULHO 2008 – N° 215

SÃO GASPAR BERTONI E NOSSA SENHORA

Pe. Nello Dalle Vedove

A devoção a Nossa Senhora foi para o Bertoni a chave secreta que lhe abriu as portas para a santificação e para a eficácia em seus empreendimentos apostólicos.

Ele foi sempre um defensor do culto a Maria, mesmo nas formas particulares que assumia nos santuários ou em relação a qualquer imagem venerada.

Ao Santuário rupestre da "Madonna della Corona", fazia romaria à pé com os sacerdotes seus colaboradores nos Oratórios Marianos, com espírito de autêntica penitência, com jejuns e sacrifícios.

Mostrava-se indulgente com a piedade popular que se interessava muito facilmente pelos bens presentes, segundo as mais urgentes necessidades de saúde, de emprego ou algo semelhante. Embora soubesse que alguns males são permitidos por Deus para proporcionar bens maiores, reconhecia também quanto era bondoso o coração da Mãe do céu, que com mais insistência que a Cananéia do Evangelho e com argumentos mais persuasivos saberia dobrar o Senhor em socorro dos míseros mortais.

"Mas é um verdadeiro prodígio - observa Padre Gaspar - que, também no meio das mais espessas trevas resplandeça tão clara, e pura e sem mácula a luz da nossa fé. Mas é prodígio ainda maior que ao invés de diminuir cresça mais e se acenda a nossa devoção".

Ele tem presente o fervor de piedade que se manifesta em tantos santuários onde se reaviva a fé cristã à presença de qualquer prodigiosa imagem de Maria.

O Santo tem assim motivos para defender o culto exterior prestado também nas formas mais populares com procissões, velas acesas, ex-votos e assim por diante.

"Nós já não somos puros espíritos - dizia -, somos compostos de alma e corpo. E se Jesus disse à Samaritana: *Deus é espírito e procura adoradores que o adorem em espírito e verdade"* (Jo 4,13), pretendia dizer que o interior era a razão principal. A alma da devoção, de fato é o coração.

Ora a mente humana para unir-se com Deus, precisa ser conduzida pelas coisas sensíveis.

"Jesus, Verbo de Deus feito homem, forma uma lei toda de espírito e de amor, todavia ordena que aos atos internos efetuados acrescentem-se os obséquios externos da língua e das obras".

As práticas externas do culto não só se ajustam, mas são intrínsecas à natureza da religião. São exigências, segundo a ordem do Evangelho, para a glória de Deus, para o bem do próximo e mesmo para nossa utilidade.

Por isso Padre Bertoni não cessava de defender a prática do santo Rosário para superar os ataques não só dos heréticos, mas também dos cristãos tíbios. Pedia que se espalhasse por toda parte e em todo tempo as rosas perfumadas do Terço (as Ave-Marias), como que para confirmar um outro seu ensinamento, haurido das Escrituras, de que nossa oração deve ser contínua, incessante, ininterrupta.

Aos sacerdotes, pois, recomendava não terem medo de se unir aos fiéis nas piedosas práticas em honra de Nossa Senhora e de ver nesta devoção uma garantia de perseverança na vocação e um válido auxílio nos ministérios sagrados.

A CONFIANÇA DO ÓRFÃO DESERDADO

A alma devota volta-se para Maria dizendo: Mater mea, fiducia mea (minha Mãe, minha confiança), porque reconhece nela toda razão de sua esperança (tota ratio spei meae).

O Bertoni foi exatamente uma destas almas. A confiança que ele tinha em Maria, em seu nome, em seu poder, em seu coração une-se ao espírito de filial abandono em Deus, sua característica mais específica. A confiança em Maria, a entrega total em suas mãos maternais, não diminui nada o total abandono em Deus. Aliás, reforça-o, tornando-o mais amplo.

O humílimo Padre Gaspar quanto mais confiava em Deus e em sua Santíssima Mãe, tanto mais desconfiava de si e das suas capacidades. Fazia assim pouca conta dos próprios méritos, de tal maneira que, a quem lhe pedia a bênção, habitualmente encontrava um meio de se esquivar. Diante, porém, da insistência de quem não queria partir sem o desejado favor, então ele se dava por vencido, dizendo: "Oh, Nossa Senhora - dizia - sim, Nossa Senhora abençoará a você e a mim". E tirando do bolso uma relíquia, rezava uma oração a fim de que de Deus e de Maria a pessoa recebesse as graças imploradas.

Bastava que ele desse um olhar à imagem de Maria para que se estabelecesse um mútuo entendimento, como um contacto ou uma corrente misteriosa entre o coração do filho e o coração da Mãe. Percebiam-se, então, os efeitos imediatos. Certa vez, subindo as escadas do "Retiro Canossa", depois de ter dado um olhar afetuoso a uma pintura da Virgem, voltou-se para as Irmãs que o acompanhavam, dizendo: "Fiquem tranqüilas, a Irmã ficará boa". E a enferma, logo depois, como por encanto reconquistou a saúde.

"O que custa a Maria pedir? O que custa a Jesus conceder-lhe qualquer graça?" – escreveu no seu Diário aos 18 de abril de 1810.

Vinte e quatro de maio de 1810, dia em que escreveu o "Bom dia" a Maria, amanheceu envolto por uma situação particularmente penosa para ele. À morte da boa senhora Brunora, acontecida aos 08 de fevereiro daquele ano, Padre Gaspar encontrava-se órfão não só de mãe, mas em certo sentido também de pai, porque o senhor Francisco Luiz ainda vivo, o deserdava privando-o não só do seu afeto, mas também do seu auxílio material. O Santo ao abandonar a casa paterna para refugiar-se junto de uma tia, foi ouvido exclamar com os olhos voltados para o alto: "Pai nosso, que estais nos céus". Era a sua generosa aceitação da prova que o espoliava de todo apoio terreno, no espírito de um total abandono nas mãos do Pai celeste.

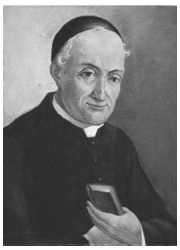
No ano seguinte, o primeiro maio que foi constrangido a passar fora da casa paterna, Padre Gaspar sentiu nascer no coração um amor ainda mais confidencial a Nossa Senhora. O "Bom dia" então, que ele estava acostumado a dirigir toda manhã à mãe Brunora, tornou-se uma afetuosa saudação à Mãe do céu, com a renovada entrega de si mesmo em suas mãos amorosas.

Maria é a mãe e senhora da casa. Os sacrifícios e orações passam a Deus pelas mãos dela. Da mesma forma, as ações e sofrimentos do dia – toda a pessoa, enfim -, unidos aos

merecimentos dela e do seu divino Filho sobem até o Pai. A resposta que Ele espera é a "pureza de mente e de corpo" e a de não fazer "coisa alguma que possa desagradar a Deus".

Título válido para a aceitação das orações é o grande privilégio de Imaculada Conceição, da qual Padre Gaspar esperava a definição dogmática.

(*continua*)



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

AGOSTO 2008 – N° 216

SÃO GASPAR BERTONI E NOSSA SENHORA

Pe. Nello Dalle Vedove

FERVOROSO DEFENSOR DA IMACULADA CONCEIÇÃO

O primeiro biógrafo, Pe. Caetano Giacobbe, que publicou a vida do Bertoni em 1858, exatamente no ano da aparição da Imaculada em Lourdes, pedindo desculpas por não poder dissertar sobre muitas coisas, escreveu:

"Quero somente acenar à honra e à firme crença que Pe. Bertoni devotou à Imaculada Conceição de Maria. Pressentiu em seu coração a nova luz e glória, que um ano depois da sua morte, deveria tornar-se clara e patente a todo o mundo com a solene definição dogmática. Estava, sem dúvida, pronto a dar a vida por esta, embora ainda não definida, assim como por qualquer outra verdade da fé".

E o mesmo autor nos apresentou também a motivação:

"Pe. Bertoni, desde os tenros anos de sua vida, jamais pôde pensar que esta primogênita criatura, Maria, amada por Deus, pudesse ter-lhe sido objeto de desinteresse, mesmo que por um momento sequer; que a eleita casa do Senhor, mesmo por um instante tenha-lhe sido objeto indiferente, enquanto Eva, que não o havia dado à luz, foi criada na justiça original".

"Daí ele invocava, reverenciava e honrava, COMO CONCEBIDA SEM A MANCHA ORIGINAL, A BENDITA MÃE DE DEUS, sempre e em toda ocasião, onde quer que tivesse oportunidade. Mostrava para com Ela expressões de afeto e de convicção, não somente com sua piedosa crença, mas com a doutrina dogmática da tradição, que lhe fora depositada no coração".

Exultou, portanto, quando à Encíclica emanada por Pio IX, aos 02 de fevereiro de l849, soube que os Bispos do mundo inteiro responderam unânime e favoravelmente à definição pontifícia. Como se alegrou tanto com este antecedente! O que não teria sentido quando da definição do novo dogma mariano? Falecido aos 12 de junho de 1853, ele participou no céu do júbilo da Igreja, que no ano seguinte definia como verdade de fé a Imaculada Conceição.

E é bem singular o fato de que Pe. Bertoni, antes de edificar o altar mor da igreja dos Estigmas, dedicando-o aos Esponsais de Maria Virgem, tenha desejado inaugurar aos 06 de setembro de 1818, depois de uma apropriada restauração, o Oratório da Conceição de Maria, anexo à Igreja, representado em uma valiosa tela de Amigazzi. Esse foi também um modo de exprimir sua grande devoção à Imaculada.

Neste Oratório costumava reunir em Retiros ou Exercícios espirituais os seus jovens, incentivando-os no amor a Deus e a Nossa Senhora. Um destes alunos foi o sacerdote Luiz Gagliardi, compositor de música muito considerado, e autor de um "Tota pulchra", que teve grande sucesso não só em Verona, mas também em Veneza, Roma e Paris.

Em Veneza, onde a antífona mariana foi executada por doze dias seguidos, foi grande o entusiasmo de ternura e confiança que suscitou em todos.

DEVOTO AMANTE DA PUREZA VIRGINAL DE MARIA

Desde 23 de fevereiro de 1816, ao iniciar oficialmente a Congregação Mariana de São Firmo Maior, quis denominá-la com o título de "Pureza de Maria". O mesmo título adotou para a Congregação Mariana dos Estigmas, que foi agregada à Prima Primária de Roma aos 04 de abril de 1824.

Quando Pe. Bertoni falava da pureza virginal de Nossa Senhora, ele se transportava em pensamento ao vértice de toda perfeição espiritual. O primeiro degrau da escada mística é constituído pela castidade conjugal, o segundo pela continência no período da viuvez, o terceiro pela pureza virginal, cuja mais alta expressão é a profissão com os votos perpétuos.

"De fato – dizia – por acaso a meta mais alta que os homens que vivem na carne, podem aspirar não é viver em tudo segundo o espírito?"

Parece que aqui ele tenha atingido o vértice da escada mística. De sua parte, declarava-se muito longe ainda da perfeição de Maria Santíssima.

E explicava:

"A pessoa consagrada com votos perpétuos é virgem sim, virgem santa de corpo e de mente, virgem perpétua, templo de Deus por união, por adesão ao seu Esposo divino, Sacrário do Espírito Santo pela consagração e dedicação total que fez de si à sua divina Majestade. Com maior excelência tudo isso foi praticado pela Rainha das Virgens!"

Comumente as pessoas que professam a virgindade devem combater contra as importunas sugestões do mundo e do demônio da carne.

Isto – observava Pe. Gaspar – é o estado dos justos e puros vivendo na terra, cujo espírito "se renova dia a dia" (2Cor 4, 16) pela graça de nosso Salvador Jesus Cristo. Mas a carne "geme, no entanto, esperando a revelação dos filhos de Deus" (Rm 8,21), "quando aparecer Cristo nossa glória na sua glória" (Col 3, 4).

Algumas almas privilegiadas, depois de longos combates, conquistam a paz e atingem a íntima conversação com a Sabedoria não criada, impondo silêncio às suas paixões. Este grau, porém, é conseguido por poucos e de modo totalmente não estável e não permanente.

Tudo isso se verificou em Maria de forma perfeita, "cujo fúlgido seio de pureza – dizia Pe. Gaspar – não foi jamais obscurecido, nem mesmo por vestígios de paixão contrária. Nada do que é terreno impedia ou desviava seu espírito, sempre voltado para Deus. Maria é a única de quem pode dizer-se: toda bela diante dos olhos de Deus e sem mancha".

Quanto a este ponto, Pe. Gaspar afirmava que apenas tocara no vértice da pureza de Maria, ao afirmar que não havia nela qualquer sombra de mancha. Agora que deveria começar a desenvolver o que havia de positivo, aquietava seu espírito respeitoso, vacilante diante de tamanha perfeição: não se sentia em condições de penetrar no oceano dos dons divinos, porque se tratava da Mãe de Deus.

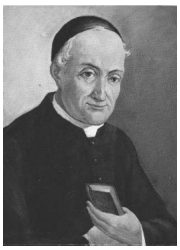
"Pensem – dizia ele – que parto seria conveniente a esta pureza, e que pureza seria conveniente a este parto!"

Não lhe restava senão dirigir um caloroso convite a todos os fiéis:

“Venham, ó amorosos devotos de Maria e imitadores fiéis da sua pureza, “sentem-se à sombra felicíssima desta planta do paraíso, e o seu fruto será doce ao seu paladar” (Ct 2,3). Ela estende amplamente os ramos de sua proteção sobre todos, mesmo os mais indignos entre seus servos, seja quem você for, ó irmãos, ó irmãs, que trilham os áridos caminhos desertos deste mundo, batidos pelos ardores violentos das concupiscências. Portanto, refugiem-se com total confiança à sombra suave desta planta benéfica, e terão alívio, repouso, saúde para o árido, fatigado e extraviado coração”.

São palavras que devem ser acolhidas com plena confiança, porque pronunciadas por um santo que fez sua a experiência da consolação, provada à sombra de Maria.

(*continua*)



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

SETEMBRO 2008 – N° 217

SÃO GASPAR BERTONI E NOSSA SENHORA

Pe. Nello Dalle Vedove

ÚLTIMOS CONFORTOS DA PARTE DA MÃE DO CEU

O artista Arone Del Vecchio pintou o quadro de Pe. Gaspar para o Santuário de Nossa Senhora de Lourdes de Verona. Colocou o sofrimento como a nota mais característica da vida do Fundador, marcada por dores contínuas, tanto morais como físicas. Dos 35 anos até a morte com quase 76 anos, as enfermidades o atormentaram com tanta insistência, exigindo aproximadamente 300 intervenções cirúrgicas, realizadas com técnicas rudimentares do tempo que não conhecia anestesia. Pe. Bertoni, desta maneira, foi assemelhando-se sempre mais ao Senhor Crucificado, envolvendo-se no sudário de uma comum imolação.

Durante o seu lento martírio Pe. Gaspar encontrou na devoção a Nossa Senhora o conforto que nenhum outro tipo de consolação podia oferecer. O terço que tinha sempre consigo debaixo do travesseiro era o remédio adequado para suas indizíveis dores. Nos momentos terrivelmente espasmódicos bastava-lhe murmurar apenas à flor dos lábios alguma oração pessoal ou recitar em voz alta a Ave Maria, "sua dulcíssima oração".

Em um dos seus últimos dias confidenciou ao irmão assistente que só a meditação da Ave Maria era suficiente para entretê-lo muitas horas, mesmo uma noite inteira e sentir seus santos efeitos no coração, considerando as sublimes verdades nela contidas.

"E deve-se mesmo acreditar - escreve o biógrafo -, que Maria lhe desse uma grande retribuição de afetos e de graças, ou confortando-o com alguma visão celeste, ou outro qualquer favor. Na verdade Ela é generosa para seus devotos, como o era com Pe. Gaspar".

A convicção de que fosse visitado nos últimos dias por Nossa Senhora em pessoa pode ser confirmada pelas repetidas perguntas que Pe. Bertoni dirigia ao enfermeiro no momento em que despertava do sono. Ele se preocupava na sua humildade que nada transparecesse do que o céu o havia favorecido. E uma vez, certo de que o irmão assistente não havia visto ou sentido nada, ficava sossegado e em paz. O enfermeiro, porém, constatando que Pe. Gaspar "conservara sempre sadios os dotes da mente até os últimos momentos, jamais manifestara delírio ou alienação da mente em momento algum da doença, não mostrara nenhum vôo ou arrebatamento de ardente imaginação ou de fantasia febril, convenceu-se de que a Virgem Santíssima viera verdadeiramente confortar seu servo fiel.

Até os últimos momentos Pe. Gaspar conservou o costume de invocar freqüentemente os santos nomes de Jesus e Maria. E com a assistência deles expirou santamente na tarde de um domingo, 12 de junho de 1853.

Foi sepultado com o hábito de "missionário apostólico", como desejava, e com seu terço nas mãos, sinal convincente - não formal para ele – e muito eloqüente do seu indefectível amor à Mãe do céu.

PREDIZ A CONVERSÃO DE UM PROTESTANTE POR OBRA DE MARIA

"A Santíssima Virgem o concederá": estas as palavras que Pe. Bertoni pronunciou para animar à oração uma senhora que desejava ardentemente a conversão do marido. Tratava-se do suíço João Jorge Radius, chefe de estação ferroviária (talvez o primeiro) de Verona.

"Um ano e meio antes que Pe. Gaspar morresse – narra o Pe. Francisco Falezza dos Filipinos – tendo ido visitá-lo como costumava fazer frequentemente, contei-lhe que certa senhora, esposa de um protestante chamado João Jorge Radius, domiciliado em nossa paróquia, pedia continuamente à Santíssima Virgem Maria pela conversão do seu marido ao catolicismo. Então ele acrescentou (e pelo que me lembro, com o rosto abrasado e os olhos brilhantes, elevando fervorosamente a voz): "continue a tal senhora a pedir à Santíssima Virgem, pois se perseverar em pedir-Lhe, estou certo de que lhe será concedida a graça". Pe. Falezza foi seduzido pelo tom profético com que Pe. Bertoni assegurou a conversão; fez com que outras pessoas rezassem pela mesma intenção.

"Em janeiro de 1856 - continua o padre Filipino - o senhor Radius ficou gravemente doente, em perigo de vida, e eu não se sabia como falar-lhe em conversão. A piedosíssima mulher continuava a rezar com grande confiança, recordando as palavras de Pe. Gaspar. Finalmente no dia 20 do mesmo mês, Deus mandou um raio de luz à mente do enfermo, que o fez conhecer o erro em que se encontrava, abrandou-lhe o coração de modo que ele pediu para a mulher trazer-lhe um sacerdote católico, porque havia decidido abandonar o erro, reconciliando-se com a Igreja e morrer católico".

Recebeu o batismo, sob condição de ter sido inválido o que recebera no protestantismo, a absolvição dos pecados, e, pelas mãos do bispo que veio até seu quarto, também a crisma e a santa comunhão como viático. No dia 24 do mesmo mês entregou a alma a Deus com muita paz e alegria.

Coincidência curiosa: o convertido era o avô paterno do conhecido jornalista Emílio Radius, o qual entre suas valiosas obras conta com um belo perfil biográfico de Pe. Gaspar (1975). Ele, sem saber do fato acima mencionado, saldava inconscientemente, uma dívida de reconhecimento para aquele que havia contribuído para o bem espiritual de um seu ascendente direto.

PENSAMENTOS FAMILIARES A SÃO GASPAR BERTONI

"Enquanto Mãe de Deus, a Bem-aventurada Virgem sozinha tem devedor Aquele que dá crédito a todos".

"O Filho de Deus portou-se sempre para com sua Mãe como se fosse estreitamente submisso". "Por isso Maria foi sempre amada como Mãe e reverenciada como Administradora".

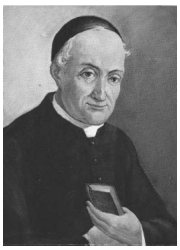
"Ó Venerável nome de Maria! Com que profundo respeito não deverá ser nomeado por nós pecadores, com que confiança invocado!" Pois se Maria teve tal autoridade de ascendência sobre a Pessoa do Seu Filho, como não será a Administradora de todos os seus tesouros, mar imenso de graças e misericórdia?".

“A Mãe não pode ser separada do poder do Filho. Uma é a carne de Maria e de Cristo, um o espírito, única a caridade. Desde o momento em que foi dito a Ela: “O Senhor está contigo” (Lc 1, 28), existem inseparavelmente a promessa e o dom”.

“Maria é mestra, diretora e guia. Pelo mar deste mundo nos conduz salvos à terra prometida, o Céu”.

“Quereis assustar o inferno? Dizei com fé: Maria!”

Fim do opúsculo “**SÃO GASPAR BERTONI E NOSSA SENHORA”.**



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

OUTUBRO 2008 – N° 218

DEVOÇÃO DE SÃO GASPAR AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

1. A DIMENSÃO AFETIVA

"Contempla este meu coração!" foi a frase que São Gaspar Bertoni ouviu do Crucifixo, no dia 30 de maio de 1812. Ela o fez perder os sentidos e entrar em êxtase.

Na abertura de seu Diário Espiritual, o santo acena a este dom místico: "Festa do Sagrado Coração. Na Missa, durante a consagração, na comunhão e em toda a ação de graças, muitas lágrimas de compunção e de afeto: em particular, na comunhão, senti, por um momento, o espírito como que desligado de toda a criatura em obséquio ao seu Criador". No encerramento, aos 26 de julho de 1813, o Santo escreve esta simples anotação: "Palavras ouvidas do Sagrado Coração com afeto".

Portanto, o início, o final e o vértice do Diário estão sob o signo do Sagrado Coração.

Pe. Edouard Glotin, S.J. afirmou que "a exegese mais recente pôde averiguar, com rigor científico, que os Padres e os Doutores da Igreja, tiveram razão de transmitir à piedade medieval o sinal do Crucificado como símbolo central da salvação".

O Cardeal Joseph Ratzinger afirmou que "a Paixão de Jesus, centrada no seu Coração e sinteticamente representada pelo coração, constituem a razão e a justificação do fato de que também nas relações do homem com Deus deve entrar o coração, isto é, a faculdade de sentimento e emotividade do amor. Uma devoção encarnada deve ser uma devoção apaixonada, uma piedade de coração para coração". Por isso ele defende a validade das devoções para com a Paixão, para com o Sagrado Coração e para com Nossa Senhora, lamentando as graves perdas que se verificaram na Igreja, quando pela "chamada piedade objetiva das solenes celebrações litúrgicas" e para favorecer "uma atividade exclusivamente comunitária", acreditou-se que toda a devoção do segundo milênio pudesse ser posta de lado como algo de pouco interesse, e que teria sido possível contentar-se com aquilo que se julgava ser a pura piedade que vem da Bíblia e dos primeiros séculos".

Valha tudo isto para dissipar qualquer prevenção sobre o valor do fenômeno místico com São Gaspar aos 30 de maio de 1812 e sobre o significado eminente que este veio assumir em toda sua vida.

2. ÊXTASE DIANTE DO CRUCIFIXO

Já há um ano São Gaspar não fazia mais anotação alguma em seu Diário. A última havia sido aos 18 de maio de 1811: "Importa escolher um caminho espiritual mais estreito e de penitência. Eu poderei esquecer os seus pecados, mas lhe mostrarei quanto lhe será preciso sofrer por causa do meu nome (cf. At 9,16)". E acrescentou a máxima inaciana: "Pouquíssimos

compreendem o quanto Deus neles realizaria, se Ele não encontrasse obstáculo a seus desígnios".

No fim de maio de 1812, São Gaspar, com toda a probabilidade, estaria escrevendo uma homilia a ser feita na festa do Sagrado Coração que caía no dia 5 de junho. Certamente, ele se preparava espiritualmente para a solenidade. A pregação que conservamos inicia-se com o comentário deste texto: "Quem é o homem para que te ocupes dele? Ou porque lhe dás teu coração?" (Jó 7,17). Ele passa em resenha vários benefícios como se estes expressassem o desejo do Coração de Deus de estar com o homem: criação à sua imagem, capacidade de conhecê-lo, redenção mediante a entrega do próprio Filho à morte, instituição da Eucaristia na noite da traição. Mas o homem se esfria, esquece o benefício, o abandona. "Colocastes, por acaso, diante de vossos olhos o Coração ferido de Jesus?" Para que isso? "Para provocá-lo a amar-vos". Diante de tanta imaginação de amor Pe. Bertoni não soube conter-se e concluiu: "Senhor, entendo. Vós sois o abismo de bondade, de caridade; o homem é o abismo de ingratidão, de malícia. O abismo da miséria atrai o abismo da misericórdia". Este é o tipo de sentimento e pensamento que se desenvolvia no coração de Pe. Bertoni, quando, na manhã de sábado (30 de maio de 1812) colocou-se de joelhos diante do Crucifixo, preparando-se para celebrar. Sabemos o que aconteceu naquele momento através de seu Diário Espiritual:

"Ao rezar, antes da Missa, e sentindo um pouco de sono, ouvi uma voz que vinha do Crucifixo, dizendo a meu coração: Contempla este meu Coração. Este pedido iluminou, subitamente, minha inteligência e proporcionou-me um grande e imprevisto ardor no coração. Em seguida, voltando-me com os olhos e em espírito para contemplar o coração de Cristo, senti correr um arrepio pelo corpo todo; a boca e os olhos se me fecharam, enquanto a alma me parecia plenamente absorta e cheia de alegria. Tive a sensação de que ela estava para separar-se do corpo, como que morrendo, mas, ao mesmo tempo, plenamente vivificada. Voltando-me novamente para ouvir quem falava, repetiu-se o arrepio como se acontecesse uma morte doce e lenta. Enquanto a alma continuava incerta sobre o que devia fazer, pareceu-me que, se o fenômeno continuasse por mais tempo, teria ela morrido ou, ao menos, seria separada do corpo. Estando assim como que paralisada, permanecia, entretanto, jubilosa nas mãos do Senhor, e se naquele momento tivesse eu morrido, continuaria ela totalmente serena. De repente, ela voltou a recuperar o uso dos sentidos como antes. A conseqüência disto tudo foi a presença de uma terna devoção ao Sagrado Coração e de um respeito amoroso durante a Missa. A alma se expandiu em doces lágrimas durante a santa comunhão. Depois, grande recolhimento e suavidade que duraram o dia todo, além da prática esmerada das três virtudes teologais".

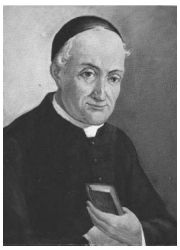
Este extraordinário arrebatamento diante do Crucifixo com o Coração traspassado, marcou não só o vértice na vida espiritual de São Gaspar, mas também uma reviravolta decisiva em sua existência, que será caracterizada por 41 anos de interminável e dilacerante martírio.

3. IMOLAÇÃO GENEROSA

Como Jesus, depois da transfiguração no Monte Tabor, subiu a Jerusalém para o sacrifício da cruz, assim Pe. Gaspar, quatro meses após o êxtase diante do Crucifixo, sofrerá a primeira doença que o levará à morte. Cada tarde, seu antigo mestre, Pe. Luís Fortis, SJ, lhe sugeria aos ouvidos: "Receba, Senhor, pelas mãos de Santo Inácio, toda a minha liberdade, o amor que possuo por tua graça, e sou rico o suficiente". A vida do Santo se transformará em absoluta imolação no espírito do mais puro abandono. Ele também saberá haurir da contemplação do lado aberto do Crucificado, como de límpida fonte, a água que jorra para a vida eterna. Seu primeiro biógrafo é bem preciso ao afirmar que Pe. Gaspar não queria que nada "o desviasse da ciência sublime de *conhecer unicamente a Jesus Cristo*". É muito

significativo o que o mesmo biógrafo acrescenta: “Quem teve a felicidade de estar com ele, recordará as paredes nuas de seu quarto, sem quadros ou pinturas, sem objetos sacros, a não ser um grande Crucifixo, que a ele só interessava contemplar”. O antigo convite “contempla meu coração” tinha aberto na alma de Pe. Bertoni uma ferida de amor que não mais se cicatrizou.

Quando no dia 12 de junho de 1853, Pe. Gaspar morreu, “*seus filhos o vestiram com a roupa de Missionário Apostólico, que usou nas primeiras missões e com a qual desejava ser envolto no sepulcro*”. Isso comportava também o Crucifixo de missionário sobre o peito, significando como sua participação na missão evangelizadora de Cristo fosse acompanhada também de uma especial participação na imolação de Cristo pela redenção do mundo.



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

NOVEMBRO 2008 – N° 219

A CONFORMAÇÃO COM CRISTO CRUCIFICADO

Pe. Nello Dalle Vedove

Preâmbulo

Seleção de notícias históricas e de documentos relativos à prática da devoção à Paixão e às Cinco Chagas de Jesus Cristo no Fundador dos Estigmatinos Pe. Gaspar Bertoni, em seus primeiros companheiros e na tradição estigmatina.

Introdução

O Sumo Pontífice Paulo VI, em primeiro de novembro de 1975 na beatificação de nosso Fundador declarou: "As palavras do Senhor contidas no Evangelho - se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome sua cruz e me siga (Mt l6, 24) - parecem caber perfeitamente na vida do Servo de Deus Gaspar Bertoni, fundador da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele, desde jovem obedeceu a Deus que o chamava à santidade não só através da renúncia ao mundo exterior e do desapego de si, mas também com a imitação de Cristo crucificado e com grande fervor de caridade que o impeliu, seguindo o divino modelo, a entregar-se totalmente ao serviço dos irmãos".

A conformação com Cristo crucificado é característica fundamental da espiritualidade bertoniana.

A tal conclusão também chegou a Congregação para as Causas dos Santos no exame dos Atos e documentos referentes ao Servo de Deus. É importante, pois, que se reflita sobre sua espiritualidade centrada no Senhor do crucifixo.

Além disso, aprofundar hoje a experiência de São Gaspar é essencial para todo cristão que queira construir seu edifício de fé sobre a rocha, que é "Cristo crucificado".

O crucifixo na experiência de Pe. Gaspar Bertoni

1 – O crucifixo e o jovem Bertoni

Nota-se à primeira vista, em Pe. Gaspar, a espiritualidade centralizada em Cristo, com particular referência à manifestação suprema do amor de Deus na Paixão e Morte de seu Filho.

Nos versos poéticos compostos durante sua juventude ele demonstra tendência de ordem mística. Contudo, bem depressa teve que suportar cruzes, mortes de entes queridos, a infelicidade de uma família arruinada economicamente e falida moralmente com a separação dos pais quase às vésperas de sua ordenação sacerdotal. Todavia, seu padre espiritual, Pe.

Nicolau Galvani, o preparou e o fortificou oportunamente, propondo-lhe o crucifixo como modelo a seguir.

São pensamentos de Pe. Gaspar: "Fora da Cruz todo esforço é vão. Carrega tua Cruz; e ela te fará chegar ao Monte Santo com muita rapidez. A Cruz que se carrega com alegria, leva a experimentar as maiores satisfações". "Do fundo do teu coração grita forte diante do teu Senhor: Dá-me um amor forte por toda a vida. Ó Senhor, faze-me, na cruz, morrer à semelhança do teu amado Filho encarnado".

Não é de se espantar que, quando alguém lhe desejou para o Ano Novo as bênçãos, "não excluídas as cruzes", Pe. Gaspar respondesse: "Eu agradeço, antes de tudo, a sua benevolência, especialmente a espiritual; de fato, que melhor bem pode desejar-se aos verdadeiros amigos, senão as cruzes? A mim não poderia agradar de outro modo".

2 – O crucifixo e o diácono Bertoni

Desde a primeira pregação (08 de junho de 1800), ainda diácono, Pe. Gaspar usa o exemplo de Jesus exânime pelos nossos pecados: "Foi submisso por trinta anos aos que havia criado para tornar-se obediente e submisso ao Pai, até a morte e morte de Cruz. Foi saciado de opróbrios (Is 53, 12). Foi reputado pecador entre os celerados".

3 – O crucifixo e o neo-sacerdote

Ao falar sobre o Nome de Jesus, em janeiro de 1801, ele apresenta o divino Mestre como "o amante mais amável" e "o mais terno e apaixonado dos amantes", o qual encontra obstáculo intransponível na alma em pecado. "Ao seu amor se opunha fortemente a justiça divina que não pode tolerar que se ame o pecado. E o que pensais disso? – pergunta e responde Pe. Gaspar -. O amor supera toda dificuldade. Jesus encontra o modo de satisfazer a justiça para contentar o amor. Convirá portanto, descer da condição divina e sujeitar-se à natureza humana, submetendo-se à morte ignominiosa".

"Cristo derrama todo o seu precioso sangue para recuperar a alma perdida. E se ela tornar a cair, de novo a recuperará do inimigo infernal. Tornará cada dia a oferecer-se como vítima sobre os altares e a lavará com seu sangue".

Na primeira sexta-feira santa do seu sacerdócio, 03 de abril de 1801, Pe. Gaspar desenvolve o tema bíblico: "O justo perece sem que ninguém perceba" (Is, 57, l).

No prelúdio, volta-se para a cruz e fala: "Somente tu foste digna de carregar a vítima que em ti foi sacrificada por nós. Eu bem sei que podes despertar muitos sentimentos no coração destes ouvintes, tu que agora te tornaste o estandarte da sua fé, o guia seguro da sua vida, o fundamento das suas esperanças, o conforto dos miseráveis, o desejo dos justos, o terror do inferno. Ainda te peço: infunda neles a tristeza e a dor profunda pelos sofrimentos impostos a Jesus, quando por nosso amor a ti se uniu". E prossegue: "Mostra, pois, devotamente a estes teus filhos e filhas as fendas cruéis feitas pelos cravos que as mãos e os pés de Jesus rasgaram. Mostra o lugar onde em ti inclinou a cabeça expirando em seu amoroso Pai. Mostra, enfim, o sangue espalhado pelo amor, que em ti escorreu".

Todo o enredo do discurso gira em torno da descrição da "traição pérfida, seguida de uma sentença injusta e de um suplício torturador". No final exclama: "Eis aqui o homem! Contemplai o corpo atormentado por tantas feridas; olhai a cabeça transpassada por tantos espinhos; vede as mãos, os pés, o lado aberto derramando sangue.

Pe. Bertoni não se satisfaz em suscitar comoção. Quer mais. Aponta propósitos, para que as almas, "saibam que nada mais (ó Jesus) pode confortar-vos do que ver nelas o fruto de vosso padecimento e de vosso amor para destruir o pecado".

Repetindo esta mesma pregação no dia 04 de abril de l806, Pe. Gaspar acrescenta a narração detalhada das várias fases da Paixão, para concluir com tocante peroração. Comovido até as lágrimas, exclama: O que as chagas respondem a nosso pranto? "Não choreis por mim; chorai por vós" (Lc 23, 28). De fato, o convite à conversão foi o conteúdo de toda pregação de Jesus, desde o início da sua vida pública até o caminho do Calvário.

(*continua*)